

SUMÁRIO

SUÍNOS	2
BOVINOS	3
MEL	3
FRUTAS	6
TRIGO	7

Prezados leitores, o Departamento de Economia Rural (Deral) apresenta mais um Boletim Conjuntural semanal. Neste início de 2026, o documento destaca a importância estratégica do mercado externo para o Paraná, evidenciando como o status sanitário e as políticas tarifárias internacionais definem o ritmo da nossa economia rural.

O setor de suínos ganha destaque com a busca por mercados de alta remuneração. Enquanto o Japão lidera o ranking de valor pago pela carne brasileira (US\$ 3,42/kg), o Paraná consolida sua transição para o mercado global. Com o reconhecimento de área livre de febre aftosa sem vacinação, o estado já avança sobre novos destinos, como o Peru, e trabalha

para ocupar espaços em mercados considerados “premium”, como Estados Unidos e Canadá, hoje dominados por Santa Catarina.

Contudo, o sucesso nas vendas externas não é uniforme e depende diretamente da diplomacia comercial. O gancho das exportações nos leva ao setor do mel, que vive um cenário de forte contraste: embora tenha fechado 2025 com o Paraná na terceira posição nacional em faturamento, o setor encerrou o ano sob a sombra do “tarifaço” de 50% imposto pelos Estados Unidos. A queda drástica nos embarques, no último bimestre, acende um sinal de alerta para a sustentabilidade da apicultura paranaense em 2026.

O boletim detalha ainda o cenário dos bovinos, com o encurtamento da margem entre machos e fêmeas; e a fruticultura, que viu as importações saltarem 34% em 2025. Por fim, analisamos o trigo, que inicia o ano pressionado pelos baixos preços e pela concorrência com o milho safrinha, mantendo o produtor em um cenário para margens estreitas.

Boa leitura!

Boletim Conjuntural Semana 06/2026 – 05 de fevereiro de 2026

SUÍNOS

Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz

Segundo dados do Agrostat/MAPA, em 2025 o Japão destacou-se como o país que melhor remunerou a carne suína “in natura” brasileira, alcançando o valor médio de US\$ 3,42 por kg, considerando apenas os vinte principais parceiros comerciais do Brasil em termos de volume importado. Outros mercados que remuneraram acima da média de venda do produto no período – estabelecida em US\$ 2,55/kg – incluem: Estados Unidos (US\$ 3,22/kg), Emirados Árabes Unidos (US\$ 3,06/kg), Canadá (US\$ 3,04/kg), Singapura (US\$ 2,93/kg), Argentina (US\$ 2,83/kg), Peru (US\$ 2,82/kg), Uruguai (US\$ 2,82/kg), Geórgia (US\$ 2,59/kg) e Hong Kong (US\$ 2,58/kg), conforme tabela a seguir.

Exportação carne suína in natura BRASIL – 2024/2025

Países	Preço(US\$/kg) 2024	Preço(US\$/kg) 2025
1 JAPÃO	3,37	3,42
2 ESTADOS UNIDOS	3,22	3,22
3 EMIR.ÁRABES UN.	2,71	3,06
4 CANADÁ	2,91	3,04
5 SINGAPURA	2,56	2,93
6 ARGENTINA	2,65	2,83
7 PERU	2,88	2,82
8 URUGUAI	2,42	2,82
9 GEÓRGIA, REP. DA	2,21	2,59

10 HONG KONG	2,37	2,58
11 VIETNÃ	2,36	2,53
12 CHILE	2,32	2,51
13 COREIA, REP. SUL	2,40	2,48
14 FILIPINAS	2,42	2,47
15 MÉXICO	2,39	2,44
16 PORTO RICO	2,39	2,43
17 CHINA	2,15	2,19
18 ANGOLA	1,62	1,76
19 CONGO, REP. DEM. DO	1,60	1,76
20 COSTA DO MAR-FIM	0,56	0,50
TODOS OS PAÍSES	2,40	2,55

Fonte: Agrostat / MAPA

Dos dez países que melhor remuneraram o produto, observa-se que o Paraná ainda não exporta volumes expressivos para o Japão, Estados Unidos e Canadá, que ocuparam, respectivamente, a 4^a, 18^a e 17^a posições entre os principais destinos da carne suína “in natura” brasileira. Esses mercados são atendidos exclusivamente por Santa Catarina, que obteve o reconhecimento internacional de área livre de febre aftosa sem vacinação, cerca de 14 anos antes do Paraná. Em contrapartida, em maio de 2025, o Paraná passou a exportar volumes significativos para o Peru e mantém relações comerciais há anos com os outros seis países do grupo.

Ressalta-se que a classificação carne suína “in natura” abrange carcaças e cortes cárneos, congelados ou resfriados, cujos

Boletim Conjuntural Semana 06/2026 – 05 de fevereiro de 2026

preços podem variar significativamente conforme os produtos escolhidos pelo país importador.

enquanto, no confronto com as vacas, o intervalo médio chegou a R\$ 23,91 por arroba.

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Segundo a análise quinzenal do Cepea, no início deste ano, a diferença média de preços entre bovinos machos e novilhas destinados ao abate está menor do que a observada em anos anteriores, conforme os valores registrados em São Paulo. Esse movimento decorre do fato de as fêmeas terem apresentado reajustes mais expressivos de preços em relação aos machos, possivelmente devido à maior procura por novilhas em momentos de escalas de abate encurtadas.

Considerando os dados parciais de janeiro, até o dia 26, a valorização dos machos em relação às novilhas foi de R\$ 12,6 por arroba. Já na comparação entre machos e vacas, o diferencial atingiu R\$ 20,62 por arroba, mantendo vantagem para os animais machos em ambas as categorias.

Em uma perspectiva mais ampla, entre janeiro de 2020 e janeiro de 2026, a diferença média de preços entre machos e novilhas foi de R\$ 12,89 por arroba,

MEL

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Segundo Agrostat Brasil, de janeiro a dezembro de 2025 as empresas nacionais exportaram 34.468 toneladas de mel “in natura”, volume 9,1% menor do que aquele obtido em igual período de 2024 (37.931 toneladas). O faturamento em dólares foi de US\$ 116,472 milhões, 15,8% maior que em igual período de 2024 (US\$ 100,560 milhões). Já o preço médio nacional do mel atingiu o valor de US\$ 3.379,13/tonelada (US\$ 3,38/Kg), 27,5% maior que o valor médio de igual período de 2024 (US\$ 2.651,12/tonelada (US\$ 2,65/Kg).

O estado do Paraná, nos doze meses de 2025, fechou o ano na terceira posição no ranking da exportação de mel natural (receita cambial: US\$ 20,069 milhões; volume: 5.983 toneladas; preço médio: US\$ 3.354,38/tonelada). No ano anterior, em igual período, foram exportadas 3.969 toneladas, faturando-se US\$ 10,395 milhões, a um preço médio de US\$ 2.619,05/tonelada.

Boletim Conjuntural Semana 06/2026 – 05 de fevereiro de 2026

Na primeira colocação, desponta Minas Gerais (receita cambial: US\$ 26,383 milhões; volume: 7.722 toneladas; preço médio: US\$ 3,42/kg). No ano anterior, exportou: 7.761 toneladas, faturou US\$ 21,483 milhões e teve preço médio de US\$ 2,77/kg. Na segunda colocação, vem o estado do Piauí (receita cambial: US\$ 21.677 milhões; volume: 6.564 toneladas; preço médio: US\$ 3,30/kg), sendo que no ano anterior exportou: 10.032 toneladas, faturou US\$ 25,548 milhões e teve preço médio de US\$ 2,55/kg. Na quarta colocação vem Santa Catarina (receita cambial: US\$ 16,478 milhões; volume: 4.822 toneladas; preço médio: US\$3,426/kg). No ano anterior exportou: 5.477 toneladas, faturou US\$ 14,217 milhões e teve preço médio de US\$ 2,60/kg.

O principal destino para o mel brasileiro, no acumulado do ano 2025 (84,2% de todo volume exportado: 34.468 toneladas), continuou sendo os Estados Unidos: volume de 29.026 toneladas, receita cambial de US\$ 97,783 milhões e preço médio de US\$ 3,37/kg. No ano anterior, em igual período, os números foram: 29.985 toneladas, faturamento de US\$ 78,638 milhões e preço médio de US\$ 2,62/kg.

Apesar do “tarifaço” de 50%, aplicado a partir de 6 de agosto de 2025, a

exportação para os EUA caiu apenas 3,2% em termos de volume, porém cresceu 24,3% na receita cambial, principalmente devido a um maior valor pago pela tonelada de mel (2025: US\$ 3.368,94 e 2024: US\$ 2.622,57).

Os outros principais países importadores do mel brasileiro foram: Canadá (US\$ 8,926 milhões e 2.631 toneladas), Alemanha (US\$ 4,720 milhões e 1.352 toneladas), Reino Unido (US\$ 2,802 milhões e 850 toneladas), Israel (US\$ 275.249 e 100 toneladas), Austrália (US\$ 217.112 e 81 toneladas) e Bélgica (US\$201.848 e 60 toneladas).

Os efeitos do “tarifaço” de 50% sobre a apicultura, que foi fortemente impactada, apontam para uma antecipação de compra por parte dos Estados Unidos, principalmente a partir de agosto de 2025. Naquele mês, os EUA importaram 2.941 toneladas de mel e gastaram US\$ 10,675 milhões, volume e valores 25% e 76,1% maiores que aqueles de igual mês de 2024 (volume: 2.352 toneladas e US\$ 6,062 milhões), sugerindo antecipação de compras por parte dos importadores norte-americanos. No mês de setembro de 2025, o impacto negativo da sobretaxa sobre apicultura mostrou-se evidente. Os EUA importaram 2.338 toneladas de mel e gastaram US\$ 8,448 milhões, volume 19%

Boletim Conjuntural Semana 06/2026 – 05 de fevereiro de 2026

menor, porém os gastos foram 11,4% maiores que aqueles de igual mês de 2024 (Volume: 2.885 toneladas e US\$ 7,885 milhões). Volume menor, mas receita cambial com a exportação do mel para os EUA foi maior, decorreu do aumento de 37,4% no preço médio da tonelada do mel brasileiro (2025: US\$ 3.613,45 e 2024: 2.629,07). No mês de outubro de 2025, o efeito adverso do “tarifaço” sobre apicultura brasileira continuou. Os EUA importaram 1.643 toneladas de mel e gastaram US\$ 5,502 milhões, volume 1,1% menor, porém gastos 20,3% maiores que aqueles de igual mês de 2024 (Volume: 1.660 toneladas e US\$ 4,572 milhões). Novamente, a receita cambial foi maior, apesar do volume ligeiramente menor. Isso é resultado do aumento de 21,6% no preço médio da tonelada do mel brasileiro (US\$ 3.348,95 em 2025 vs. US\$ 2.754,26 em 2024).

Em novembro, os EUA anunciaram a retirada da tarifa de 50% de diversos produtos brasileiros, porém o café solúvel, a uva, o mel e os pescados, continuaram sendo taxados em 50%. Vale lembrar que, a primeira medida, no dia 14/11, retirou a tarifa recíproca de 10%, imposta em abril de 2025, para cerca de 200 produtos alimentícios de diversos países. A segunda, no dia 20/11, foi direcionada ao Brasil, e suspendeu a

sobretaxa de 40%, anunciada em julho, para mais de 200 produtos, que foram acrescentados à lista anterior de quase 700 exceções ao “tarifaço”.

Em novembro, os EUA importaram apenas 1.433 toneladas de mel, gastando US\$ 3,160 milhões, representando uma queda acentuada em relação a novembro de 2024 (3.862 toneladas e US\$ 10,455 milhões): 62,9% menor em volume e 69,9% menor em gastos. O preço médio por tonelada atingiu US\$ 2.204,90 em novembro de 2025, uma queda de 18,6% em relação a novembro de 2024 (US\$ 2.707,12).

O ano encerrou sob forte incerteza. Em dezembro, os EUA compraram apenas 1.419 toneladas, uma retração de 39,8% no volume comparado ao ano anterior. A receita somou US\$ 4,978 milhões (queda de 29,8%). Houve, no entanto, uma recuperação pontual no preço médio, que girou em torno de US\$ 3.508 por tonelada, uma alta de 16,5% sobre dezembro de 2024 (US\$ 3.010,53).

Hoje, o segmento apícola nacional vive um compasso de espera. A sobrevivência de muitos produtores depende do sucesso das futuras negociações bilaterais para extinguir a tarifa. Sem isso, e considerando a

Boletim Conjuntural Semana 06/2026 – 05 de fevereiro de 2026

dificuldade logística e sanitária de abrir novos mercados a curto prazo, a apicultura brasileira corre o risco de entrar em uma crise estrutural profunda.

FRUTAS

Eng. Agrônomo Paulo Andrade

Dirigindo o foco para uma breve análise das importações paranaenses de frutas em 2025 e em contraste ao informe anterior, quando os números gerais das exportações nativas foram apresentados, os dados extraídos das Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro/ AGROSTAT, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/MAPA reportam uma despesa de US\$ 84,1 milhões para a aquisição de 69,7 mil toneladas (t), dos produtos em tela.

Com origens na Argentina, Chile, Itália, Espanha e nos Estados Unidos: Maçãs, Peras, Uvas, Kiwis e as Nozes e Castanhas abasteceram as mesas da terra dos pinheirais, em ordem de relevância. Estes cinco fornecedores e cinco espécies participaram em proporção de valores e volumes a 82,0% (US\$ 69,0 milhões) e 86,8% (60,5 mil t) das 22 frutas importadas,

considerando-se os 29 países fornecedores do Paraná.

Mesmo com uma miríade de espécies e ofertantes, os dois irmãos da América do Sul representaram 66,4% do montante financeiro investido e 76,6% das quantidades adquiridas, traduzido em US\$ 55,8 milhões e 53,4 mil t, principalmente com a internalização de 47,9 mil t de Maçãs e Peras com investimentos de US\$ 47,1 milhões.

Em relação ao ano anterior, os números do Agrostat para 2025 indicam uma elevação significativa nas compras externas de frutas pelo Paraná, pois a massa financeira elevou-se em 34,0% e os volumes alçaram 34,8%, quando no ano em 2024 dispendemos US\$ 62,7 milhões para obtenção de 51,7 mil t. em produtos importados dos pomares.

Ampliando-se o horizonte temporal para 2016 houve um aumento de 23,4% em valores e 12,4% das quantidades demandadas nas importações de frutas, quando foram adquiridas 62,0 mil toneladas a despesas de US\$ 68,1 milhões, à época. Não deixando de observar que estes números caíram quase pela metade durante os anos de incerteza dentro da pandemia.

Boletim Conjuntural Semana 06/2026 – 05 de fevereiro de 2026

TRIGO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

A área de trigo não tem perspectiva de aumento no Paraná. O principal fator é o recuo de 14% nos preços em relação aos praticados no início de 2025, de acordo com a pesquisa de preços recebidos pelos produtores paranaenses. Em janeiro, a média da saca foi de R\$ 62,19, valor que atualmente equivaleria a um custo de aproximadamente 56 sacas por hectare. Esse patamar deixa uma margem muito estreita para o produtor, visto que a produtividade média em 2025 foi de 57 sacas. Mesmo regiões mais tecnificadas têm dificuldade em manter uma produtividade suficiente para cobrir os custos nesse nível de preço. A Regional de Ponta Grossa, por exemplo, só superou a média de 56 sacas por hectare em três das últimas dez safras.

Outro fator que volta a pesar contra o incremento da área de trigo é a concorrência com a segunda safra de milho em grande parte do estado. O plantio do milho já cobre 12% dos 2,84 milhões de hectares estimados para a cultura este ano, se confirmada, esta área estabelecerá um novo recorde para a cultura. Apesar de o plantio estar em um ritmo aquém do esperado, principalmente em função do alongamento

do ciclo das culturas de verão, dificilmente a área estimada do milho será alterada de forma a favorecer o trigo. Além disso, os preços do trigo estão apenas 15% superiores aos do milho, enquanto estima-se que deveriam estar próximos de 80% para favorecer a escolha do cereal de inverno. Nem os melhores preços de trigo registrados nos últimos 12 meses (R\$ 79,99 em jun/25) chegaram perto desse patamar, relegando a cultura às regiões menos aptas ao milho.

Por fim, as perspectivas de preços indicam poucas chances de mudança nesse cenário até a finalização do plantio. Os moinhos paranaenses aproveitaram a baixa dos preços internacionais e importaram o maior volume de trigo em grão da história em 2025, somando 879 mil toneladas. Esse volume expressivo se soma à safra de 2,8 milhões de toneladas colhida no Paraná em 2025, a uma safra excepcional de trigo argentino e também a uma safra mundial recorde, gerando conforto para os compradores. Um dos poucos fatores que podem refletir nos preços no curto prazo é a volatilidade cambial. Embora o Real esteja valorizado no momento, as constantes tensões geopolíticas podem alterar esse cenário a qualquer momento.